

A MULHER DA LITERATURA POPULAR NORDESTINA: UMA ANÁLISE DA MISOGENIA NA LITERATURA

Roberto Remígio Florêncio¹; Marcleide Sá Miranda²; Ana Cristina Barbosa de Oliveira³; Carlos Alberto Batista Santos⁴

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – IF Sertão, campus Petrolina Zona Rural, betoremigio@yahoo.com.br; ²Coordenadora Pedagógica do Sistema de Avaliação (SIAP), Secretaria Municipal de Educação, Petrolina, Pernambuco, marcleide.sa@hotmail.com; ³Mestranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus III, chrisbarbosa_2@hotmail.com; ⁴Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais – DCTS, campus III, Juazeiro-BA, cacobatista@yahoo.com.br.

Resumo

As narrativas dos cordéis abordam o cotidiano das pessoas somado à imaginação de seus contadores, assim, as situações reais e o imaginário são tecidos conjuntamente como resultado de experiências vividas ou inventadas. Em relação ao gênero dos narradores, os homens representam a maioria. Essa misoginia pode representar (re)construções sociais dignas de aprofundadas análises socioculturais. Propomos aqui a definição de gênero como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos como modo primordial de significação das relações de poder. Como instrumento de afirmação da identidade nacional, a literatura brasileira ainda é espaço de disputa no mapeamento social, onde se estabelece hierarquias que definem quem escreve literatura.

Palavras-chave: Gênero, Preconceito, Cultura literária, Literatura brasileira.

Introdução

A Narrativa pode ser definida como uma sequência de acontecimentos interligados, que são transmitidos em uma estória, reunindo atores, aqueles que as narram e aqueles que as ouvem, leem ou assistem, sendo que quem narra, determina quando e como a informação será veiculada (PELLEGRINI, 2003).

...a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 1987, p. 103-104.)

A literatura de cordel compreende narrativas que são elaboradas no cotidiano, a partir da experiência individual de cada contador em sua labuta diária, revestidas de singularidade, que não está limitada apenas ao seu valor estético, mas em sua força representativa. O valor sociocultural que as revestem evidencia uma cultura característica do local do seu autor. Além dessa característica, essas narrativas revelam informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas

e sociais, uma vez que se constituem em um documento vivo que representa costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos (CASCUDO, 1984).

O conhecimento da cultura local reforça a valorização e incentiva o desenvolvimento de uma região (LÓSSIO; PEREIRA, 2007), este aspecto associado à mestiçagem étnica e o hibridismo cultural do Brasil são fontes geradoras de uma ampla gama de diversidades de saberes (CANCLINI, 2003). É nesse ambiente que floresce a Literatura de Cordel, nome utilizado em Portugal para designar folhetos volantes ou folhas soltas, em que eram pendurados por um cordão e expostos nas feiras do país (SANTOS; FLORENCIO, 2017).

Na literatura brasileira, o número de autoras é consideravelmente menor do que de autores (DALCASTAGNÈ, 2012). Essa diferença, também é notada na literatura de cordel, suscitando assim as discussões sobre as diferenças de gênero, aqui definida como uma categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Dessa forma, neste estudo, propomos abordar as questões da diferença de gênero na autoria da literatura de cordel.

As questões de gênero e autoria na literatura brasileira

De acordo com Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais construídas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e mais que isso, dá um novo significado às relações de poder, uma vez que, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder.

Dizer que as diferenças de gênero são construções sociais não é nenhuma novidade. Há muito tempo o tema da “diferença sexual” é objeto de estudo das ciências sociais e da antropologia (ARAÚJO, 2003), para Holanda (2014), há gêneros masculino, feminino e neutro.

Ainda na concepção de Araújo (2003), o termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura, adquiriu outras características, uma vez que enfatiza a noção de cultura e está situado na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico (LOURO, 1995). Outra forma de utilização do termo serve-nos para analisar a questão da igualdade e da diferença, uma vez que essa diferenciação sexual é histórica e está presente nos discursos filosóficos, religiosos, biológicos, científicos, psicológicos, antropológicos e sociais.

A relação entre homens e mulheres na sociedade quase sempre foi vista como uma verdadeira guerra dos sexos. Essas relações, muitas vezes, foram e são permeadas por desigualdades sociais, econômicas, civis, sexuais, dentre outras, posicionando a mulher, quase sempre, num lugar de inferioridade, negando-lhe direitos culturalmente assegurados ao homem e enclausurando a sociedade em visões machistas e patriarcais que serviram/servem de base para essas relações (BERGAMASCO, 2015). A autora frisa que essas relações de poder entre os gêneros ainda são visíveis em algumas esferas da sociedade brasileira, a exemplo do fazer literário, onde o cenário pela busca da igualdade de direitos, e denúncia e questionamento acerca da condição de inferioridade imposta ao sexo feminino.

Pesquisa realizada por Dalcastagnè (2012), na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. A mesma autora chama a atenção para o fato de que em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher.

Para Dalcastagnè (2012), desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional, a literatura brasileira é um espaço em disputa e na atualidade essa luta está cada dia mais acirrada, onde autores e críticos lutam por espaço, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Estabelecendo-se então hierarquias, que definem quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping ou quem escreve literatura.

As precursoras

O caminho em busca de maior espaço no campo literário pelas mulheres é parte do esforço da luta feminista por voz (VASCONCELOS, 2014). Lajolo e Zilberman (1999) nos lembram do quanto era precária a educação das mulheres no Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX, entre os intelectuais, impedir a alfabetização das moças era uma forma de proibi-las de fazerem “mau” uso dessa arte; dessa forma, na sociedade da época, a grande maioria das mulheres não era alfabetizada e as que conseguiam aprender a ler possuíam acesso limitado a livros.

Se a informação era restrita, o espaço para publicações de textos de autoria feminina não existia (VASCONCELOS, 2014). Lentamente, esses espaços foram surgindo em jornais e revistas ditos femininos por sua circulação e temas limitados (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

O nome que se destaca na militância em prol da educação para meninas e mulheres no século XIX é o de Nísia Floresta (VASCONCELOS, 2014). Considerada a primeira grande escritora brasileira, Nísia nasceu no Rio Grande do Norte e enveredou seus estudos na capital federal, Rio de Janeiro, onde, foi professora e fundadora de colégios para meninas, que muito contribuíram para o avanço da educação feminina em nosso país.

Destacam-se também as escritoras Maria Firmina dos Reis (1825-1917), professora maranhense, filha bastarda, solteira, negra e pobre, que publica em 1959 o romance *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista da nossa literatura (MUZART, 2003); a cearense Emília Freitas (1855-1908), professora e colaboradora do jornal republicano e abolicionista “O Libertador”, foi inovadora quando escreveu e publicou *A Rainha do Ignoto* (1899), romance que desafiou os padrões da época, ao criar uma narrativa de uma heroicidade feminina; e a fluminense Júlia Lopes (1862-1934), contemporânea de Machado de Assis, que, tendo sido reconhecida por seu talento literário por seus pares do sexo oposto, participou do grupo fundador da ABL na época Constância Duarte (2003).

Considerações Finais

Definitivamente, a Literatura Brasileira não é igualitária entre homens e mulheres que escrevem desde o primeiro deles nascido por essas terras (Gregório de Matos Guerra, 1636-1696). Nos séculos em que o Brasil viveu sob domínio Português (Período Colonial, de 1500-1822) e, posteriormente, um Império de monarquia também portuguesa (1822 – 1889), as mulheres negras, que viviam nas casas-grandes como amas de leite, cuidavam da casa, prestavam serviços, e muitas vezes ainda eram submetidas às condições de violência sexual, e brancas, vistas apenas como a elegância da sociedade, eram as responsáveis por preservar os costumes europeus e eram excluídas da educação e das organizações sociais (BASEGGIO; SILVA, 2015).

Na fase mais importante para a Literatura Brasileira tanto em relação ao início do rompimento com a cultura portuguesa (Romantismo 1854 a 1881) e da progressão qualitativa da produção artística (Realismo 1881 a 1892), nenhuma mulher alcançou destaque entre os cânones da nossa literatura e os livros didáticos e mesmo da história da literatura brasileira fizeram a mulher parecer não existir no cenário artístico brasileiro.

Pode-se dizer que a aparição da mulher na literatura coincide com a aparição da mulher no próprio circuito sociocultural. Fazendo-se anotar que a literatura, enquanto arte nacional, não

contribuiu para o aparecimento da mulher, mas, como também nos extratos sociais de poder, esteve o tempo todo ao lado do poder, de quem dispunha de direitos e privilégios. Principalmente em termos gráficos e de divulgação, ou seja, produção e consumo.

Ao conquistar o direito ao voto (a partir de 1930) e o direito de ser eleita e de candidatar-se a cargos eletivos, a mulher pôde mostrar que, recebendo oportunidades igualitárias, também poderia desenvolver-se ao nível do homem, ainda que, hoje, as candidatas e eleitas em cargos públicos do Brasil não cheguem a 15% do total. Talvez a literatura apresente atualmente números mais expressivos e animadores. Autoras contemporâneas importantes como Nélide Piñon, Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Ana Miranda, mantém a tênue impressão de literatura feminina brasileira herdada das cronistas Clarice Lispector, Zélia Gattai e Rachel de Queirós. E também sendo construída pela poesia de Cecília Meireles, Cora Coralina, Adélia Prado, Hilda Hest, Alice Ruiz e Ana Cristina César. À margem da consagrada poesia brasileira, encontramos nomes como Francisca Júlia, Gilka Machado, Auta de Sousa, Narcisa Amália, Carolina Maria de Jesus, entre tantas outras, esquecidas pelos livros didáticos, mas presentes na luta pela visibilidade histórica ainda negada.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 41-52, 2003.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Edições 70. 1987. 272p.

BERGAMASCO, Adrielle dos Santos. A representação da mulher e da sua sexualidade na literatura de autoria feminina contemporânea. In: IV Simpósio de Educação Sexual, Feminismo, identidades de gênero e políticas públicas, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

BASEGGIO, J. K.; SILVA, L. F. M. As condições femininas no Brasil colonial. *Revista Maiêutica*, Indaial, 3 (1): 19-30, 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 416p.

CASCUDO, Luís da Câmara: *Literatura Oral no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. 480p.

DALCASTAGNE, Regina, *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2012. 208p.

LOURO, Guacira. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação e realidade*. v. 20, n. 2, p. 1-7, 1995.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. In: *III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador: EDUFBA, 2007.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 267-78.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Pedantes e bas-bleus: a história de uma pesquisa. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Vol. 1, 2ª ed. Florianópolis: Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p 17-29.

PELLEGRINI, Tânia. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: PELLEGRINI, Tânia et al. *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac, 2003. p. 15-35.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SILVA, Francineide Santana; SANTOS, Maria Aparecida Barboza dos; Do mau agouro à arte: a coruja no imaginário popular. *Revista de Educação do Ideau*, Montevideu: Faculdade Ideau, v. 10, n. 22, p. 1-14, 2015.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. “Relações zoomórficas no imaginário popular das narrativas na literatura de Cordel”, *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, abril-junio 2017. En línea: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/cordel.html>

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

VASCONCELOS Vania Maria Ferreira. No colo das Iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Brasília.